

## Algumas nótulas sobre a *Grammatica das grammaticas da lingua portugueza* (1850)

Maria Helena Pessoa Santos<sup>1</sup>

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro  
hpessoa@utad.pt

Data de receção do artigo: 16-06-2012

Data de aceitação do artigo: 22-07-2012

### Resumo:

É nosso objetivo proceder à apresentação de alguns resultados, ainda muito incipientes, da reflexão sobre alguns aspetos tratados por Francisco Ferreira de Andrade Junior, no âmbito do que denomina de *sintaxe*, no seio de uma obra publicada, em Portugal, em 1850, tendo em linha de conta o contexto histórico-epistemológico europeu (nacional e internacional) em que tal obra emerge. Partiremos, naturalmente, da descrição desses aspetos e da comparação da abordagem de alguns desses itens com o tratamento que gramáticos portugueses coevos do autor lhes prestam. Estaremos, entretanto, também atentos às influências exógenas de que dá conta, implícita ou explicitamente, a obra que constitui o nosso objeto de estudo.

**Palavras-chave:** Historiografia Linguística – gramaticografia portuguesa – sintaxe – discurso.

### Abstract:

We envisage presenting some very incipient results of the treatment given by Francisco Ferreira de Andrade Junior to some items he includes in what he calls *syntax* in a grammar published in 1850, taking into account its historical-epistemological European (national and international) context. We shall start from the description of those items and will then compare only some aspects of that description with the treatment that other 19<sup>th</sup> century Portuguese grammarians give them. We will also be aware of the exogenous influences our grammarian implicitly or explicitly recognizes.

---

<sup>1</sup> Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro: Escola de Ciências Humanas e Sociais; Departamento de Letras, Artes e Comunicação / Centro de Estudos em Letras (U707 da Fundação para a Ciência e a Tecnologia).

**Keywords:** Historiography of Linguistics – Portuguese grammaticography – syntax – discourse.

1. Francisco Ferreira de Andrade Junior (1806-?) foi Cavaleiro da Ordem de N. S. da Conceição, professor de gramática portuguesa e latina no Liceu Nacional do Funchal, diretor das escolas municipais de instrução primária do concelho do Funchal e vereador na Câmara Municipal do Funchal. Trouxe a lume, em 1844, *Principios de Grammatica Portugueza*<sup>2</sup> (Funchal: Typ. Nacional) e, em 1849, *Grammatica portugueza das escolas primarias do primeiro grau* (Funchal: Typ. Nacional), cuja terceira edição, saída em 1859, Innocencio da Silva assinala. Teve, ainda, conhecimento Innocencio da Silva, através do Barão do Castelo de Paiva, de um folheto que configurava um *Relatorio sobre as Escolas municipaes de instrução primaria do concelho do Funchal, apresentado á Camara municipal respectiva pelo vereador, director das mesmas Escolas, Francisco de Andrade, no fim do anno lectivo de 1848 a 1849*.

A obra cuja análise agora se enceta – *Grammatica das grammaticas da lingua portugueza ou principios e preceitos compilados dos mais acreditados autores que sobre este assumpto tem tratado até o presente, e explicados de modo a serem comprehendidos por pessoas de todas as intelligencias* – veio a lume em 1850 e não consta da lista de obras identificadas por Innocencio da Silva em 1859 (cf. 334) e em 1870 (cf. 250). O título desta última obra evoca, naturalmente, *Grammaires des grammaires ou Analyse Raisonnée des*

---

<sup>2</sup> «Usava o extinto conselho superior conferir as obras que se lhe offereciam para uso das escolas, ao exame e opinião de pessoas competentes e respeitáveis em seus votos, antes de as levar á discussão do conselho. O sr. Francisco de Andrade Junior, insygne professor no lyceu do Funchal foi um dos primeiros, que acudiu ao convite do conselho com uma grammatica da lingua portugueza, que examinada, e discutida fora approvada para uso das escolas primárias em 2.º grau, e até provisoriamente de lyceus.

Fôra aquella delicada tarefa commettida ao reconhecido saber do sr. dr. Francisco Antonio Rodrigues de Azevedo, então doutor addido á faculdade de theologia e hoje digno lente de prima da mesma faculdade. Tão bem se desempenhou elle de sua commissão que o conselho seguiu o juizo e voto favorável, que apresentou a secção respectiva, e por unanimidade o approvou.

Desejára logo o conselho que esse voto sahisse a público com a notícia do trabalho do sr. Andrade; mas circumstancias o embargaram, sendo talvez a principal o bem entendido escrupulo que os vogaes de uma instituição nascente guardavam de qualquer decisão precipitada e acaso intempestiva.

[...]» (J. J. de M. 1863: vol. XII, n.º 1: 17; cf. Azevedo 1863, vol. XII, n.º 1: 17-19).

*meilleurs traités sur la langue française*, que, sendo da autoria de Charles-Pierre Girault-Duvivier (1765-1832), havia tido a sua primeira edição em 1811, em dois volumes (Paris: Porthmann), embora não conste do Catálogo da Biblioteca Nacional de França. Teve, logo a partir de 1812, uma segunda edição – a que se seguiram muitas outras –, da qual, em Portugal, João Crisóstomo do Couto e Melo revelaria ter conhecimento, na sua *Gramática filosófica da linguagem portuguêsza*, dada ao prelo em 1818: na verdade, no quadro do capítulo consagrado à *syntaxe*, mais exatamente, a propósito do segmento «Gramática» da frase atualizada em «António estuda Gramática» (Couto e Melo 1818: 236), Couto e Melo observaria que os «simples Gramáticos» denominavam tal «complemento» de «caso do verbo estuda» e que «os Gramáticos Francêzes de maior crédito» – designadamente, o autor de «*Grammaire des Grammaires ou Analyse Raisonnée Des meilleurs Traités sur la Langue Française*, Paris, An. 1812», o qual Couto e Melo não chegaria a identificar, embora saibamos tratar-se de Charles-Pierre Girault-Duvivier – o chamavam de «régime do verbo *estuda*», acrescentando o autor português que tais gramáticos franceses de renome dividiam o ‘regime’ em «*direto* (ou *objeto*)» e em «*indireto* (ou *térmo*)» (Couto e Melo 1818: 237, n1; cf. Girault-Duvivier <sup>2</sup>1812: 473, 474). É, entretanto, significativo o facto de Couto e Melo fazer referência a um conjunto substancial de autores que Girault-Duvivier havia citado na sua obra (cf., a título exemplificativo, Couto e Melo 1818: 114-116 n(1), 117-118 n(2)).

Tal como assinala Maria Filomena Gonçalves, levando em linha de conta algumas observações tecidas, em 1865, por João Alexandre Passos, no seu *Diccionario Grammatical Portuguez* (Rio de Janeiro: António Gonçalves Guimarães & C.<sup>a</sup>), a *Grammatica das grammaticas da Língua Portugueza* de Andrade Junior reflete «la tendencia que la gramática general tuvo en Francia durante el siglo XIX, cuando la teorización lingüística se resbala para la validación estilística del uso de la lengua» (Gonçalves 2003: 108). Parece-nos importante, entrementes, que não haja, do ponto de vista da organização geral das matérias, da globalidade da nomenclatura e das definições propostas, uma correspondência global entre as duas obras, tanto mais que o autor francês faz questão de identificar e de citar um considerável número de fontes (de cariz metalinguístico, didático e literário), a apenas algumas das quais Andrade Junior alude – «*l’abbé de Saint-Pierre, Dumarsais, Duclos, Wailly e Voltaire*» (ao lado de outros autores que não parecem constar das referências bibliográficas de

Girault-Duvivier: «*Dubois, Meigret, Pelletier, Ramus, Rambaud, De Lesclache, l'Artigault*») –, não, porém, para indicar quaisquer produções desses autores ou para os citar, a partir delas, mas tão-só para lhes atribuir o que chama de 'pretensão' «de pôr a orthographia em exacta correspondencia com a pronuncia» (Andrade Junior 1850: 267 \*). Há, apenas, um item, que diz respeito às «*Pausas que separam os diferentes grupos de ideas*», em que o gramático português remete explicitamente o leitor para «Grammaire des Grammaires. Chap. XI» (Andrade Junior 1850: 216 (\*)). Tal capítulo intitula-se, na sétima edição, revista e melhorada por Pierre-Auguste Lemaire, de «De la Ponctuation», conforme pudemos comprovar, constando do Tomo Segundo da obra francesa em causa. As nossas observações carecem, no entanto, ainda, da necessária comprovação pormenorizada, que só conseguiremos com a continuidade do estudo que acabámos de iniciar.

2. Segundo Andrade Junior, a *gramática* é a arte de analisar e enunciar o pensamento<sup>3</sup>, facto que revela uma importante influência de Étienne Bonnot de Condillac, aliás, bem clara nas observações que tece relativamente à *interjeição*. Com efeito, o gramático português entende que, enquanto «signaes da linguagem d'acção, linguagem toda synthetica», as *interjeições* não constituem 'palavras' que analisem o discurso, não fazendo, portanto, parte integrante do «systema das linguas analyticas» e nada tendo, conseqüentemente, a ver com a *gramática*, muito embora equivalham «a uma proposição ou serie de proposições», razão por que, às vezes, são usadas para 'interromper o discurso', a fim de que o 'estado de alma' do locutor seja 'pintado' «com mais rapidez e força» (Andrade Junior 1850: 21).

Ora, Andrade Junior não se afastava, em essência, dos antecessores que tinham publicado em português. Por exemplo, no século XIX, Moraes Silva (*circa* 1755/1756-1824) havia diferenciado as 'partes da oração' «de que usamos na linguagem analisada e discursada» das *interjeições*, que dizia exprimirem «[a linguagem d'] [a]s paixões», «equivale[ndo] a sentenças sentimentaes» (Moraes Silva, 1806[1802]: 17), ou, mais especificamente, «a uma sentença perfeita com verbo» (Moraes Silva, 1806[1802]: 80, *na*); seguindo, até certo ponto, o seu trilha, neste aspeto, mais tarde, Bento José de Oliveira

---

<sup>3</sup> Essa é uma ideia que subjaz a uma grande parte da produção gramatical portuguesa da centúria de Oitocentos.

(1814-?), para quem a *interjeição* era «eminentemente *synthetica*», veicularia a ideia de que nela se incluíam «as idéas com suas relações», de forma a configurarem «o todo de um juízo ou pensamento» (Oliveira 1862: 54; 1864: 60); por seu turno, Jeronymo Soares Barboza (1737-1816) tinha afirmado que as *interjeições* eram, precisamente, «umas particulas, desligadas do contexto da Oração» (Barboza <sup>3</sup>1862[1822]: 77). Para João Crisóstomo do Couto e Melo (c.1778-1838), a *interjeição* era o item linguístico representativo de «tôda a linguagem do coração» (Couto e Melo 1818: 63), por oposição a *substantivos*, *adjetivos*, *verbos*, *preposições* e *conjunções*, que, juntamente com o que designa por ‘expressões complementares’ (Couto e Melo 1818: 60-61, 62), configuravam a ‘linguagem do *entendimento*’, termo que o ideólogo Dominique Joseph Garat (1749-1833) faz questão de utilizar para integrar a designação de um curso por si ministrado em 1795 (cf. Désirat & Hordé 1982: 18, n3). Quanto a Girault-Duvivier (1780: 1021) apologiza, no Capítulo IX do Tomo Segundo da sua obra, que a *interjeição* ‘pinta um grito’ que «tient la place d’une proposition entière»<sup>4</sup>. Importa salientar, porém, que, encarando as ‘palavras’ como ‘signos dos nossos pensamentos para a língua escrita’, Girault-Duvivier, seguindo, apenas até certo ponto, os Solitários de Port-Royal, considera que o *substantivo*, o *adjetivo*, o *pronome* e o *advérbio* significavam os ‘objetos dos nossos pensamentos’, enquanto o *artigo*, o *verbo* com a suas inflexões, a *preposição*, a *conjunção* e a *interjeição* significavam a ‘forma e a maneira dos nossos pensamentos’, imbricando-se uns e outros na construção do discurso (cf. Girault-Duvivier 1812: 78). Não podemos esquecer-nos de que Girault-Duvivier se socorre, literalmente, da *Grammaire générale et raisonnée* de Arnauld & Lancelot para apresentar as três operações do espírito – conceber, julgar e raciocinar – que permitiriam compreender os fundamentos da gramática e identificar a diversidade de itens linguísticos utilizáveis no discurso (cf. Girault-Duvivier 1812: 77-78; cf. Arnauld & Lancelot 1969: 23).

Quanto a Andrade Junior, providencia conhecimento quer dos sinais das ideias – as «"palavras nominativas ou *nomes*["]» – com que afirma fazer-se a análise do pensamento, por via da análise do

---

<sup>4</sup> Condillac havia, precisamente, afirmado que assim podia acontecer, algumas vezes (Condillac 1947: *Cours d’études, II – Grammaire*, 499, col. 2).

discurso, no quadro do que denomina de *etimologia*<sup>5</sup>, quer das relações estabelecíveis entre as ideias, as quais ligam esses sinais – «"[...] palavras conexas ou *preposições* ["]» –, no âmbito do que denomina de *sintaxe*, quer, ainda, da reta enunciação da «palavra fallada» e do registo da «palavra escripta», no seio do que designa por *ortoépia* e *ortografia*, respetivamente (Andrade Junior 1850: 1).

3. No âmbito da sintaxe, o gramático estabelece a diferença entre «*syntaxe propriamente dicta*», «*construcção*» e «*mechanismo do discurso*» (Andrade Junior 1850: 130), subdistinção tripla cujos termos tendem a autonomizar-se e que ainda não encontrámos em obras gramaticais portuguesas publicadas no século XIX, apesar de a expressão «*mechanismo da formação da linguagem*» surgir, em Jeronymo Soares Barboza (<sup>3</sup>1862[1822]: xi), como um dos dois fatores que contribuem para a constituição da *gramática científica*.

Se Moraes Silva (1806: 112, 113 *nn*) revela a tendência, na senda de César Chesneau Du Marsais (1676-1756), para a diferenciação entre *sintaxe* e *construção* (Du Marsais 1987: 410), é Manoel Dias de Souza (c.1755/1760-1827) – na senda de Du Marsais, Nicolas Beauzée (1717-1789), Étienne Bonnot de Condillac (1714-1780) e Antoine Court de Gébelin (1725-1784) – quem divulga, de forma clara, pela primeira vez em Portugal, tal distinção – de que já partilhava, em 1803, Jeronymo Soares Barboza (<sup>3</sup>1862[1822]: 275,

---

<sup>5</sup> Andrade Junior aproxima-se – até certo ponto – do pensamento linguístico de Moraes Silva, no que diz respeito à identificação das várias ‘espécies de palavras’ usadas para ‘analisar o discurso’: «*Nomes*, ou *Substantivos*», «*Adjectivos Articulares*», «*Adjectivos Atributivos*», «*Verbos*», «*Adverbios*», «*Preposições*» e «*Conjunções*», «de que usamos na linguagem analisada[] e discursada» (Moraes Silva 1806: 15, 16, 17). Na verdade, o autor sob escopo no presente artigo distinguirá as seguintes ‘espécies de palavras’: (i) *substantivos*, *nomes comuns*, (i’) *adjetivos atributivos (meros e radicais)*, *adjetivos articulares (artigo simples, articulares de quantidade e articulares de qualidade)*, (ii) *verbo*, (iii) *palavras conectivas ou preposições (preposições e conjunções)*, (iv) *advérbio*. É curioso que, no quadro do tratamento «*Do Nome em geral*», Andrade Junior inclua *substantivos*, *nomes comuns* e *adjetivos* (Andrade Junior 1850: 2, cf. 3). Por seu turno, Girault-Duvivier (1812: 79) propõe, para a língua francesa, nove ‘espécies de palavras’: (i) *substantivo*, (ii) *adjetivo*, (iii) *artigo*, (iv) *pronome*, (v) *verbo*, (vi) *preposição*, (vii) *advérbio*, (viii) *conjunção* e (ix) *interjeição*. Se, porém, Andrade Junior enquadra, claramente, o *adjetivo*, na classe do *nome*, Girault-Duvivier separa *substantivo* de *adjetivo*, enquanto ‘espécies de palavras’, não obstante subdivida o *substantivo* em ‘nomes’ e defina o *adjetivo* como uma forma de ‘nome’ (cf. Girault-Duvivier 1812: 79, 109, 321).

312), muito embora Dias de Souza se proponha tratar das regras de *construção* do português e da sua *sintaxe*, «debaixo de hum mesmo Artigo», intitulado «Da sintaxe» (Souza 1804: 175, 155), em virtude de entender haver uma estreita conexão entre esses dois objetos. Segue-o, nesse procedimento, Francisco Soares Ferreira (1777-c.1830/1831) e Francisco Solano Constancio (1777-1846), ao contrário de Couto e Melo, Luiz Francisco Midosi (1796-1877), Bento José de Oliveira, F. Julio Caldas Aulete (1823-1878) e Francisco José Monteiro Leite, os quais, tal como fizera, por exemplo, Pedro José da Fonseca (1737-1816), na senda do Antoine Arnauld (1612-1694) & Claude Lancelot (c.1615-1695), identificam *sintaxe* com *construção* (cf. Arnauld & Lancelot 1969: 103; Fonseca 1799: 209-210; cf. Couto e Melo 1818: 240, 241; cf. Ferreira 1819: 113; cf. Constancio 1831: 240, 243; cf. Midosi 1842: 73; cf. Oliveira 1862: 55; cf. Oliveira 1864: 61; cf. Leite 1882: 79, 136; cf. Leite 1887: 129, 201).

Quanto a Charles-Pierre Girault-Duvivier (cf. 1830: 1104-1133), diferencia *construção gramatical* e *direta* de *construção figurada*, por si classificada, também, de *indireta* e *irregular*. Aquela – a dita *construção gramatical* e *direta* – é entendida como «l'ordre que le génie de cette langue [– a língua francesa –] veut qu'on donne, dans le discours, aux neuf espèces de mots» (1830: 1105, 1112). Seguindo de perto Jean Pons Victor Lecoutz de Lévizac [Levizac] (c. 1750-1813), Girault-Duvivier (cf. 1830: 1106; cf. 1090) entende que, na língua francesa, a 'construção' é irrevogavelmente fixa nas frases 'expositivas', 'interrogativas' e 'imperativas': asseverar o autor que não se trata da concordância dos itens linguísticos entre si, mas, antes, do lugar que tais elementos devem ocupar no discurso, referindo-se, particularmente, à posição dos chamados 'membros da frase', a saber, como diz, do 'sujeito', do verbo, do 'regime, objeto, ou complemento direto/objetivo', do 'regime, objeto, ou complemento indireto/terminativo' e do 'circunstancial'. Interessante, contudo, é o facto de Girault-Duvivier (1830: 1111-1112) asseverar o seguinte:

[...] L'ordre successif des rapports des mots n'est pas toujours exactement suivi dans l'exécution de la parole: la vivacité de l'imagination, l'empressement à faire connoître ce qu'on pense, le concours des idées accessoires, l'harmonie, le nombre, le rythme, etc., font souvent que l'on supprime des mots, dont on se contente d'énoncer les corrélatifs. On interrompt l'ordre de l'analyse, on donne aux mots une place qui, au premier aspect, ne paroît pas être celle qu'on auroit dû leur donner. Cependant celui qui lit ou qui

écoute, ne laisse pas d'entendre le sens de ce qu'il lit, ou écoute, parce que l'esprit rectifie l'irrégularité de l'énonciation, et place dans l'ordre de l'analyse les divers sens particuliers, et même le sens des mots qui ne sont pas exprimés.

C'est en ces occasions que l'analogie est d'un grand usage, et ce n'est que par analogie, par imitation, et allant du connu à l'inconnu, que nous pouvons concevoir ce qu'on nous dit. Si cette analogie nous manquoit, que pourrions-nous comprendre dans ce que nous entendons dire? Ce seroit pour nous un langage inconnu et inintelligible. La connoissance et la pratique de cette analogie ne s'acquièrent que par imitation, et par l'habitude, qui commence des les premières années de notre vie.

3.1. Para Andrade Junior, a *sintaxe propriamente dita* ensina a significar e a exprimir relações de identidade ou de determinação entre 'palavras' por meio das posposições e preposições, dividindo-se em «*syntaxe regular*» e «*syntaxe irregular ou figurada*» (Andrade Junior 1850: 130, 132).

3.1.1. Subdivide, por seu turno, a dita *sintaxe regular* em «*syntaxe de concordância*», quando dá conta dos sinais que exprimem a relação de identidade, e em «*syntaxe de regência*», sempre que indique os sinais que denotem a relação de determinação (Andrade Junior 1850: 132), à semelhança do que fazem os gramáticos portugueses ao longo da centúria oitocentista, com exceção de Augusto Epiphânio da Silva Dias e, apenas até certo ponto, Francisco Adolpho Coelho.

Andrade Junior entende, em conformidade com Du Marsais, que a *sintaxe* se funda nas relações de identidade, que «n'exclu[en]t pas le[s] rapport[s] de détermination», e nas relações de determinação, que «se trouve[nt] souvent sans celui d'identité» (Du Marsais, 1987: 359), as quais só poderão ser encontradas na *construção* (cf. Du Marsais, 1987: 410).

O gramático português define «relação syntaxica» como aquela que se estabelece «entre duas palavras que concorrem [...] para exprimir uma ideia», considerando haver dois tipos de *relação sintática*, a saber, (i) aquele em que a primeira 'palavra' significa uma ideia que a segunda 'palavra' analisa, ou (ii) aquele em que a primeira



‘palavra’ exprime uma ideia que a segunda ‘palavra’ determina<sup>6</sup>, estabelecendo-se entre a primeira ‘palavra’ e a segunda ‘palavra’ ora uma (i) «*relação de identidade*», ora uma (ii) «*relação de determinação*» (Andrade Junior 1850: 131), expressões portuguesas que correspondem a traduções de expressões francesas utilizadas por Du Marsais e de que Soares Barboza (<sup>3</sup>1862[1822]: 298, 236) se socorre com alguma sistematicidade.

Considera, complementarmente, que toda a *relação sintática* implica dois «termos», designadamente, o «*antecedente da relação*» e o «*complemento da relação*», podendo cada um desses ‘termos’ ser tido por «incomplexo» – caso configure «uma só palavra» – ou por «complexo» – se for expresso por «mais de uma palavra», o que implicará que inclua outras relações hierarquicamente imbricadas: o autor fala, nesse caso, da existência de uma «*relação principal*» e de relações «*subordinadas*». (Andrade Junior 1850: 131)

3.1.1.1. A sintaxe de concordância fundamenta-se na relação de identidade, que se exprime ou na identidade das posições, ou na posição de ‘palavras’.

Manifesta-se entre uma forma de *adjetivo* e uma forma de *substantivo* de que faça parte, sendo significada pela identidade de género e de número em ambos:

a) o *adjetivo* correlato da ideia subentendida ou expressa num grupo de palavras apresenta uma forma no número singular e na terminação masculina: v.g.: «*"Bom é ter homem na tormenta uma taboa a que se apegar]"*» (Andrade Junior 1850: 150); se tal *adjetivo* for um *pronome demonstrativo*, empregar-se-á uma das seguintes formas: *isto*, *isso* ou *aquilo* (Andrade Junior 1850: 150-151); se o *adjetivo* concorrer com um *substantivo* correlato à mesma ideia a que ele se refira, «póde elegantemente usar-se de *este*, *esse* ou *aquelle* concordado com esse substantivo»: v.g.: «*"Toda a humana sciencia*

---

<sup>6</sup> No que às ditas relações de determinação diz respeito, Girault-Duvivier parece preferir o termo *régir*, implicando a ideia de que a primeira ‘palavra’ desencadearia a presença da segunda (cf. Girault-Duvivier 1830: 192, 267, 1160). Não se escusa, aliás, de apresentar o pensamento linguístico de Marmontel, segundo o qual uma relação de concordância equivaleria a uma regência mútua dos elementos concordantes (cf. Girault-Duvivier 1830: 1005). O ponto de vista de Girault-Duvivier parece ser quase exclusivamente formal: é como se a *regência* fosse percebida como a expressão sintática da *determinação* semântica.

depende essencialmente dos factos: é necessario arranjal-os para evitar a confusão: *este é o systema [...]*<sup>7</sup>; (Andrade Junior 1850: 151)

b) os *pronomes possessivos* não concordam com o nome da pessoa a que se refiram, mas, antes, concordam com o nome da «coisa possuída»: *v.g.*: «"O homem é feliz quando *sua alma*, até no meio do infortunio, está tranquilla"»; (Andrade Junior 1850: 151)

c) dos *conjuntivos relativos*, tidos por *adjetivos articulares de qualidade*, só *cujo*, *cujá* não concordam com o «nome subentendido», mas, antes, com o «[nome] consequente»: *v.g.*: «"Varrão *cujas virtudes* merecem imitadas[]"» (*sic!*); (Andrade Junior 1850: 151)

d) o que o autor designa por *adjetivo articular de qualidade* «relativo» – «o-a-os-as» – concorda em número e em género com a ‘palavra’ a que se refira, subentendendo-a como ‘nome de indivíduo’: *v.g.*: «"Amores de sobre posse – Serão *os* da vossa idade[]"» (Andrade Junior 1850: 151); se a subentender, porém, como ‘nome de qualidade’, o dito «relativo» «não varia da terminação masculina, nem do numero singular»: *v.g.*: «"Os *validos* dos reis não *o* são para casos e cousas particulares[]"». (Andrade Junior 1850: 151)

A sintaxe de concordância revela-se, também, entre uma forma de *substantivo comum* e uma forma de *substantivo próprio* que aquele qualifique: uma forma do dito *substantivo comum* designa a classe a que pertence um dado indivíduo ou a que pertencem indivíduos significado(s) pela forma de *substantivo próprio*. Neste caso, dá-se a *aposição* de uma forma de *substantivo comum* junto de uma forma de *substantivo próprio*, colocando-se aquela (i) ou imediatamente depois desta, (ii) ou depois quer de uma forma do verbo *ser*, quer de ‘forma verbal apassivada’, quer de ‘forma verbal neutra’:<sup>8</sup> (i) *v.g.*: «"Camões,

<sup>7</sup> Andrade Junior faz referência a parte do título da obra de que extrai o exemplo – «*Ensaio sobre alguns synonymos*» –, embora não identifique o seu autor. Trata-se, na verdade, mais concretamente, de *Ensaio sobre alguns synonymos da lingua Portugueza*, obra da autoria de Fr. Francisco de São Luiz (Cardeal Saraiva), cujos dois volumes foram publicados em 1824 e em 1828, respetivamente. O exemplo apresentado pelo nosso gramático foi extraído da página 152 do volume 1: «Toda a humana sciencia depende essencialmente dos factos: he necessario arranjalos para evitar a confusão: este he o *systema*. He necessario depois explicalos por principios simplicis, e luminosos: esta he a *theoria*.»

<sup>8</sup> Em rigor, Andrade Junior diferencia o termo *verbo* do termo *forma verbal*: o verbo *ser*, enquanto ‘palavra por excelência’, exprime a ideia de existência do ‘sujeito’ da ‘proposição’, podendo tal ideia ser modificada por uma forma de *adjetivo atributivo* que exprima um atributo *essencial* do mencionado ‘sujeito’ (cf. Andrade Junior 1850: 11, 62). Também o verbo *estar* significa “existência”, quando é determinado por uma forma

*poeta* portuguez[]"; (ii) «"Esta *espada é aço*[]"», «"O *Mestre d'Aviz foi feito rei* pelo povo[]"», «"Não *fiquei homem*, não[]"». (Andrade Junior 1850: 154)

Demonstra-se, ainda, a sintaxe de concordância entre o verbo e o 'sujeito' da 'proposição' a que ele pertença, sendo o sinal da relação «a identidade de *numero* e [de] *caracter de pessoa*» (Andrade Junior 1850: 152):

a) não há verbo sem 'sujeito';

b) 'sujeito' pode ser qualquer forma de substantivo, toda e qualquer 'palavra' ou grupo de 'palavras' que exprima(m) um sentido determinado; (Andrade Junior 1850: 152)

c) como, na língua portuguesa, só os «pronomes primitivos» – denominados, por Girault-Duvivier, no que à língua francesa diz respeito, por 'pronomes pessoais' – têm "casos", só neles há 'acidente', ou 'variação direta', que denote a sua utilização para a configuração de um "sujeito" (pronominal) – *eu, tu, ele, nós vós, eles* –, surja o verbo numa forma finita ou infinitiva; (Andrade Junior 1850: 151)

d) nos «mais nomes», «o signal de sujeito é a aposição d'elle ao verbo» (Andrade Junior 1850: 151-152): *v.g.*: «"A *aguia matou* a serpente[]"»; (Andrade Junior 1850: 152)

e) havendo de ser o verbo – com significado de "existência", tal como proposto por Du Marsais, no sentido de que manifesta a existência de um 'sujeito' – modificado por uma forma de *adjetivo* que designe o modo da existência do 'sujeito', essa forma adjetival tomará a forma correspondente aos acidentes do 'sujeito': *v.g.*: «"A terra é redonda[]"»; (Andrade Junior 1850: 154; cf. Charles-Pierre Duvivier 1830: 1159)

f) o relativo *que*, subentendendo a 'palavra' a que se refira com o acessório do caráter de 'pessoa' com que ela figure no discurso, exige que o verbo de cujo "sujeito" ele seja uma expansão – diremos nós – tome a variação correspondente a essa 'pessoa'; (Andrade Junior 1850: 152)

---

de *adjetivo atributivo* que exprima um atributo *acidental* do 'sujeito' da 'proposição' (cf. Andrade Junior 1850: 62). Por outro lado, o verbo pode aparecer combinado com um *atributivo radical* numa mesma dicção, ou seja, numa nova forma de expressão, a que chama de *forma verbal*, apontando três espécies de radicais ('ativos', 'passivos' e 'neutros') e, por consequência, três espécies de formas verbais ('ativas', 'passivas' e 'neutras') (cf. Andrade Junior 1850: 15; cf. nota 10, *infra*).

g) quando a 'frase'<sup>9</sup> enuncia alguma parte pertencente a um todo, vindo depois do relativo, cumpre examinar se o relativo se refere ao todo ou se se refere à parte: referindo-se ao todo, concordará com o nome dele - «v.g.: "O Vouga é um dos *rios de Portugal que entrão no mar*[]"» -; referindo-se à parte concordará com o nome que signifique a parte - v.g.: «"O Douro é *um* dos maiores rios de Hespanha e *que* leva mais agua que o Tejo[]"»; (Andrade Junior 1850: 152)

h) se o 'sujeito' for uma 'proposição', o verbo toma a forma do número singular e da terceira pessoa;

i) as formas verbais cujo 'sujeito', segundo o gramático, seja sempre uma forma implícita de *substantivo* cognato ou uma forma sem necessidade de expressão apresentam-se sempre «nas terceiras pessoas do singular»: fornece os exemplos de «"Corre-se, vive-se, chove, troveja[]"», cujos 'sujeitos' - afirma - são «"carreira, vida, o Ceo[]"» (Andrade Junior 1850: 153); exemplifica, ainda, com o verbo *haver*, que, enquanto verbo pleno - inferimos nós [«quando não traz claro, ao mesmo tempo, sujeito e objecto», porque «em tal caso, o que vem occulto é o sujeito», «per ellipse usual da lingua» (Andrade Junior 1850: 153, 154)] -, «nunca deve variar das terceiras pessoas do singular», assinalando que essa regra deve ser obedecida sempre que haja uma forma verbal que «leve após si a forma do verbo *haver* no infinitivo sem sujeito claro»: v.g.: «"Póde haver homens tão grandes como os que já forão," isto é: "O mundo póde haver homens tão grandes &c.» (Andrade Junior 1850: 153). Observa Andrade Junior que, ao contrário do que dizem alguns «Grammaticos», o verbo *haver* não é, neste caso, sinónimo do verbo *existir*, uma vez que aquele é «fórma activa», enquanto este é «fórma neutra» (Andrade Junior 1850: 153), devendo-se esse «erro» ao estabelecimento, pelos ditos «Grammaticos», da correspondência entre a forma verbal portuguesa *haver*, usada do modo descrito pelo gramático, e o verbo latino *esse*, «empregado no sentido de *existir em algum logar*» (Andrade Junior 1850: 153). Andrade Junior assevera que, «se, por exemplo, o idiotismo latino *sunt qui dicant* é traduzido per este portuguez *ha quem diga*, não prova isso que *haver*, portuguez, e *esse*, latino, sejam palavras que exprimão a mesma idea». (Andrade Junior 1850: 154)

---

<sup>9</sup> Andrade Junior não define esse termo.

3.1.1.2. A *sintaxe de regência* fundamenta-se em quatro espécies de relações de determinação (Andrade Junior 1850: 133, 134): ‘relação terminativa’ e ‘relação objetiva’, por um lado, bem como ‘relação restritiva’ e ‘relação circunstancial’, por outro lado.

Pode haver necessidade de que o antecedente dessa relação – cujo sinal pode ser uma posposição ou uma forma de *preposição* para o complemento – seja determinado, ou por configurar uma «palavra de sentido relativo», exigindo, à sua direita, enquanto ‘termo da sua referência’, um ‘complemento terminativo’ (Andrade Junior 1850: 133, 134), ou por consubstanciar, também à sua direita, uma ‘palavra’ que denote uma ação cujo objeto seja designado por outra ‘palavra’, requerendo, um ‘complemento objetivo’ (Andrade Junior 1850: 133-134).

Tal antecedente pode, porém, configurar uma ‘palavra’ que não exija, por sua própria natureza, tal determinação (por já a ter), passando a apresentar um «sentido [...] mais desenvolvido ou mais restricto» (Andrade Junior 1850: 133, cf. 134):

a) neste caso, o antecedente pode surgir sob a forma de *nome comum* cuja «significação geral» seja restringida por outro *nome comum*, configurando um ‘complemento restritivo’, enquanto parte de uma relação sinalizada por uma posposição unida ao complemento ou uma forma de *preposição* aposta ao complemento, tendo tal relação lugar entre duas ‘palavras’ que designem uma espécie do género ou um indivíduo da espécie pela primeira ‘palavra’ significada; (Andrade Junior 1850: 134)

b) a «significação geral» do *nome comum* que configure o antecedente pode, ainda, ser desenvolvida por alguma circunstância, constituindo um ‘complemento circunstancial’ (Andrade Junior 1850: 134), sendo essa ‘relação circunstancial’ significada pela união de uma posposição ao complemento, ou pela aposição ao mesmo de uma forma de *preposição*, ou pela adoção simultânea dos dois procedimentos. (Andrade Junior 1850: 135)

Distingue, entretanto, entre ‘complemento terminativo’, ‘complemento objetivo’, ‘complemento restritivo’ e ‘complemento circunstancial’, à semelhança do que faz, em 1819, o português Soares Ferreira, dado que, quanto aos restantes gramáticos da centúria portuguesa em análise, apresentam variações ora de terminologia, ora de essência definitória. Girault-Duvivier considera que o *complemento* «est une addition à quelque mot pour en mieux déterminer ou

développer le sens», estabelecendo a diferença entre ‘complemento objetivo’, «celui qui exprime l’objet de l’action», ‘complemento terminativo’, «le *terme* où [l’action] aboutit» (Girault-Duvivier 1830: 1090, nota 441) – muito embora considere também a existência de ‘complementos terminativos de nomes’ (cf. Girault-Duvivier 1830: 1091), proceder que, aliás, Andrade Junior seguirá (cf. 1850: 155) –, e ‘complemento circunstancial’, que «exprime une circonstance». (Girault-Duvivier 1830: 1090, n 441)

Em Portugal, apenas Augusto Epiphânio da Silva Dias rejeita, liminarmente, «a classificação vulgar dos complementos em *restrictivos, terminativos, objectivos* e *circumstanciaes*» (Dias 1870: 95, n1).

Tal como testemunhado por Nicolas Beauzée, em 1767, fora Du Marsais quem introduzira na linguagem gramatical o termo «*Complément*» (Beauzée 1767: 80; cf. Thurot *apud* Harris 1796: 167, n1) – que teria vindo a substituir o termo «*régime*» (Beauzée 1767: 80). No que a Portugal diz respeito, tudo indica que foram Moraes Silva, em 1802 (cf. Moraes Silva 1806: 163; 52, n(51), 80 e n), e Jeronymo Soares Barboza, em 1803 (cf. Fávero 1996: 203; Amadeu Torres, *in* Barbosa 2004: 12), quem primeiro utilizou tal termo, vindo Manoel Dias de Souza a divulgá-lo, em 1804.

Quanto ao ‘complemento terminativo’:

a) significa o termo da referência de uma ideia, sendo ligado ao seu antecedente por uma forma da *preposição a* ou *para* (Andrade Junior 1850: 155; cf. Girault-Duvivier 1830: 1151);

b) pode ser expresso por uma forma de *pronome* ora em variação enclítica, se o termo da referência for uma das três pessoas – *v.g.*: «"Quería *perdoar-lhe* o rei benino[]"» –, ora em variação não enclítica, quando o pronome deva exprimir o último termo de uma referência ou quando surja à cabeça da ‘frase’ – *v.g.*: «"Ledo e contente *para mim vivia*[]"», «"A *mim* cumpre ensinar, a *vós aprender*[]"» –, ou, simultaneamente, em ambas as variações – *v.g.*: «"A *mim* só *me* importa o testemunho de minha consciencia[]"» – (Andrade Junior 1850: 155);

c) por influência do hebraico, pode surgir, tal como os clássicos demonstram, «sem preposição clara antes de seu antecedente, e referil-o juncto d’este pelo pronome correspondente»: *v.g.*: «"Um grande *merecimento*, nunca *lhe* faltou inveja[]"» (Andrade Junior 1850: 155);

d) todo o *adjetivo atributivo mero*<sup>10</sup> ou *radical*<sup>11</sup> (explícito ou combinado com o verbo) pode ser seguido de um ‘complemento’ que indique o termo da sua referência (Andrade Junior 1850: 155); alguns desses atributivos não exigem esse ‘complemento’, mas, quando dele sejam acompanhados, deve estar presente uma forma da *preposição para* (Andrade Junior 1850: 156); contudo, alguns adjetivos atributivos radicais combinados nas ‘formas verbais’ «*acomodar, ajunctar, attribuir, dar, tirar, offerecer, accrescentar &c.*» «pedem-no positivamente» (Andrade Junior 1850: 156): quando o termo imediato da significação de tais atributivos é uma forma de *substantivo*, só pode ser indicado pelo recurso à *preposição a*. (Andrade Junior 1850: 156)

No atinente ao ‘complemento objetivo’:

a) é, «*de ordinario*», solicitado por toda a forma verbal dita ‘ativa’-v.g.: «"Honrae a vosso pae[]"» –, embora tais formas verbais ‘ativas’ possam ser empregues como ‘neutras’ – v.g.: «"As minas de Hispanha *esgotarão*[]"»; (Andrade Junior 1850: 156)

b) por outro lado, as formas verbais ditas ‘neutras’ podem ser empregues como ‘ativas’, apondo-se-lhes, nesse caso, um ‘complemento objetivo’, cognato – v.g.: «"Correr seu curso[]"» – ou não – v.g.: «"A mina *voou o muro*[]"»; (Andrade Junior 1850: 157)

---

<sup>10</sup> O dito *adjetivo atributivo* acrescenta à compreensão de um *nome* uma ideia das que este compreenda (Andrade Junior 1850: 4). Se a qualidade designada é meramente suscetível de graus de aumento ou diminuição, será um *adjetivo atributivo mero* (Andrade Junior 1850: 4).

<sup>11</sup> Se a qualidade designada pelo *adjetivo atributivo*, combinada com a ideia do verbo, o faz tomar várias formas, estaremos perante um adjetivo atributivo radical (Andrade Junior 1850: 4): «O principal de todos os radicaes é o attributivo que exprime a idea de *existencia*, porque d'elle nasce o unico verbo que ha: tal é o attributivo *ente* em portuguez». (Andrade Junior 1850: 5) «Os mais radicaes são *activos, passivos ou neutros*». (Andrade Junior 1850: 5) «Os radicaes activos e os neutros terminão em *ante, ente* ou *inte*: vg. "*Amante, vivente, pedinte*[]"». (Andrade Junior 1850: 29) «Os radicaes passivos terminão em *ado* ou *ido*: vg. "*Amado, applaudido*[]"». (Andrade Junior 1850: 29) «Os activos designão um poder de produzir uma acção que tem um objecto determinado: combinados com a idea do verbo produzem fórmias activas: vg. "*Temente*" que combinado com *ser* é o mesmo que *temer*». (Andrade Junior 1850: 5) «Os passivos exprimem um poder de sofrer uma acção que tem uma causa externa: combinados com a idea do verbo produzem fórmias passivas: vg. "*Temido*[]"». (Andrade Junior 1850: 5) «Os neutros significão um simples poder que não tem objecto determinado: combinados com a idea do verbo produzem fórmias neutras: vg. "*Vivente*", que combinado com *ser* equivale a *viver*[]"». (Andrade Junior 1850: 5)

c) o segmento linguístico que representar esse ‘complemento objetivo’ deve ser precedido de uma forma da *preposição a*, venha explícita ou fique subentendida; (Andrade Junior 1850: 156)

d) no entanto, se o ‘complemento objetivo’ se seguir ao antecedente, «é de uso» – feito «regra» – «omittir constantemente a preposição que o rege, sempre que d’ahi não resulte amphibologia» – *v.g.*: «"*Dar esmola*["]» –, com exceção dos casos em que tal ‘complemento’ seja configurado por «nome de pessoa ou cousa personificada» – *v.g.*: «"*Alexandre venceu a Dario* ["]» –, a não ser que o dito antecedente também tenha de ser determinado por um ‘complemento terminativo’ – *v.g.*: «"*Abrahão offereceu Isac a Deus em sacrificio*["]»; (Andrade Junior 1850: 157)

e) se o ‘complemento objetivo’ for colocado antes do antecedente, é necessário antepor-se-lhe a forma de *preposição*, envolva ou não nome de pessoa ou de coisa personificada – *v.g.*: «"*Aquelle é grande que ao affligido ampara*["]» –, exceto se o dito ‘complemento objetivo’ for de número diverso do número representado no ‘sujeito’ – *v.g.*: «"*Ambos uma alma anima, ambos sustenta*["]» – ou se o ‘complemento objetivo’ não puder exercer a ação significada pela forma verbal – *v.g.*: «"*Depois que o leve barco ao duro remo /Atou o pescador pobre Palem*["]»; (Andrade Junior 1850: 157)

f) se, de um ponto de vista pragmático, o ‘complemento objetivo’ representa a ideia mais enfática da ‘frase’, coloca-se à sua cabeça sem a forma de *preposição*, sendo referido, depois, junto ao antecedente, pelo pronome de “3.<sup>a</sup> pessoa” (Andrade Junior 1850: 157): *v.g.*: «"*Que este anjo que luctou contra Jacob representasse a pessoa de Deus* testificou-o o mesmo Jacob["]»; (Andrade Junior 1850: 158)

g) «se o objecto é um só ou vae no corpo da phrase», pode ser expresso por uma forma de *pronome pessoal* (dito *pronome primitivo*) em variação enclítica, não se empregando a forma de *preposição* – *v.g.*: «"*Matão-me saudades da patria*["]» –; se o ‘complemento objetivo’ surgir à cabeça da ‘frase’ ou se houver dois objetos a enunciar, diz o gramático que se podem empregar variações não enclíticas desse *pronome* – *v.g.*: «"*A mim* buscavas? *A ti* buscava["]»; «*v.g.*: "*Matas a mim e a tí*["]» –; entretanto, podem utilizar-se, simultaneamente e, portanto, «pleonasticamente», ambas as variações,



‘para dar mais força à expressão’ – v.g.: «"Quem *se mata a si* mais facilmente matará os outros[]"; (Andrade Junior 1850: 158)

h) o ‘complemento objetivo’ pode ser configurado por «toda a palavra, de qualquer natureza que seja», por «toda uma proposição» ou por uma «serie de proposições de sentido mais ou menos dependente, quer o verbo d’ellas seja infinitivo, quer definitivo precedido da conjunção *que*» – v.g.: «"*Deixa* ás almas vulgares *que se acurvem/Com tão frouxos revezes*[]"» – «ou da conjunção dubitativa *se*» – v.g.: «"*Não estranheis, minha alma se endoudece*[]"». (Andrade Junior 1850: 158)

Quanto ao ‘complemento restritivo’:

a) é ligado aos seu antecedente pela *preposição de* – v.g.: «"*Arvore de fructo*[]"; (Andrade Junior 1850: 158)

b) dos *conjuntivos relativos*, tidos por *adjetivos articulares de qualidade*, «só *cujo, qual, quem, que*, o podem ser empregados para complemento restrictivo», distinguindo o autor o seu emprego em «proposição assertiva» e em «proposição dubitativa ou interrogativa» (Andrade Junior 1850: 158, 161): (i) se as formas linguísticas em ‘relação restritiva’ significam, em ‘proposição assertiva’, «*todos os individuos de um genero ou especie, ou um individuo determinado*», emprega-se «*cujo* ou *qual* se o relativo subentende idea expressa», sendo o primeiro termo da relação restritiva colocado imediatamente após «*cujo*» e antes de «*qual*»<sup>12</sup> – v.g.: «"*O principes christãos cujos nomes* são immortaes... convocação em negocios difficultosos *os varões doutos... dos avisos e consultas dos quaes* se ajudavão>[]"» –, ou emprega-se «*o* ou *quem* se o relativo subentende idea occulta, que vae ser determinada por uma proposição», sendo o complemento colocado logo após o antecedente, exceto se se tratar da «idea mais emphatica da phrase», pelo que «irá no rosto d’ella» – v.g.: «"*Egual é a honra do* que bem pergunta e a *do* que bem responde>[]"» (Andrade Junior 1850: 159); (ii) se as formas linguísticas em ‘relação restritiva’ significam, em ‘proposição assertiva’, «uma parte dos individuos de

<sup>12</sup> Segundo o autor afirma, «o primeiro termo de *qual* sendo complemento objectivo, pôde collocar-se após a fórma verbal: vg. "Não podião os nossos soldados ajudar-se da espingardaria, *da qual só receberão a primeira carga* com notavel constancia>[]"» (Andrade Junior 1850: 159). Ainda, «em lugar de *qual* se pôde usar *quem*, se a idea subentendida é de pessoa» – v.g.: «"*Dicto isto, beijou a mão do padre, de quem* recebeu a *benção*[]"» –, «ou *que*, se a idea subentendida é de cousa» – v.g.: «"*Ordenou Jorge d’Albuquerque a toda a pressa dez embarcações, de que deu a capitania mor* a Dom Sancho Henrique, seu cunhado>[]"». (Andrade Junior 1850: 159)

uma especie ou genero, um individuo indeterminado, ou uma qualidade de um ou mais individuos», emprega-se «*que, qual* ou *quem*», se o primeiro termo da ‘relação restritiva’ for ‘sujeito’ de ‘proposição’, ou «nome concordado com elle», ou objeto de uma ação – v.g.: «"Isto são ovelhinhas *de que* Vossa Sanctidade é *pastor*!"», «"Que nunca falte um pérfido inimigo/Áquelles de quem foste tanto *amigo*!"» –, ou emprega-se «*cujo* ou *tambem qual*», se o primeiro termo da ‘relação restritiva’ for um ‘complemento restritivo’, um ‘complemento terminativo’ ou um ‘complemento circunstancial’, figurando o antecedente junto do ‘complemento’ – v.g.: «"Quanto melhor fora edificarmos nossos ninhos naquellas quietas e beatíssimas moradas, *para* *possessão das quaes* fomos creados!"» –, ou faz-se uso, ainda, de «*cujo*», se as ideias restritivamente relacionadas exprimem uma qualidade que seja «attributo de um só individuo ou individuos determinados» – v.g.: «"É qualquer reino um corpo *cujos membros* são todos os particulares moradores d'elle!"» – (Andrade Junior 1850: 160); (iii) se as formas linguísticas em ‘relação restritiva’ se encontram em ‘proposição dubitativa ou interrogativa’, «com os relativos *que, quem, qual*, colloca-se o antecedente da relação depois do verbo ou fórmula verbal» – v.g.: «"Não é cousa bem averiguada *de que principe* seja *filho* o Conde Henrique!"», «"*De quem* poderemos gabar *a felicidade* como perfeita?"»; (Andrade Junior 1850: 161)

c) quando «a ideia de primeira, segunda ou terceira pessoa[s] é empregue como ‘complemento restritivo’, «não se usa o pronome primitivo precedido da preposição, mas o derivado possessivo em relação de identidade com o nome restringido» – «não dizemos, per exemplo: "livro *de mim*, livro *de tí*" mas "*meu* livro, *teu* livro!"» – (Andrade Junior 1850: 161); (i) ainda assim, sempre que «a ideia complemento [possa ser] igualmente considerada como termo da referencia d’algum attributivo ou explicito ou combinado com o verbo em fórmula verbal», facto que dá conta de fenómenos de variação sintática, a frase tornar-se-á mais elegante, quando for possível ‘converter’ o pronome possessivo em «variação enclítica [oblíqua] do primitivo» (Andrade Junior 1850: 162, [41]) – v.g.: «"Da *alva petrina* flammis *lhe* sahião," por "De *sua alva petrina* flammis sahião!"» – ou quando se puder «significar o complemento restrictivo pela preposição *a* em lugar de *de* – v.g.: «Homero inchoando *á tuba* o *brônzeo ventre*, por "*o brônzeo ventre da tuba*!"»; (Andrade Junior 1850: 162)

d) ao configurar uma ideia que se pretenda enfática, diz Andrade Junior que os «nossos classicos» costumam, «per hebraismo»,

colocá-lo à cabeça da ‘frase’, «com ellipse da preposição», referindo-o junto à ‘forma verbal’, através da variação enclítica oblíqua do ‘pronomo primitivo de terceira pessoa do singular’ *lhe*, ou junto ao antecedente, por via da «expressão complementaria *d’elle*» – v.g.: «*Esta* (moeda) como se lavra de cobre... pareceu aos ministros que se *lhe* devia[]», «"*Os brincos, os jogos, os passatempos pueris*... parecia que a natureza o creára exempto da *inclinação d’elles*». (Andrade Junior 1850: 164)

Relativamente ao ‘complemento circunstancial’:

a) pode designar, numa ‘proposição’, um segmento que configure uma circunstância de «*logar d’onde* ou *onde* ou *per onde*, *tempo em que* ou *desde que* ou *durante o qual*, *meio*, *causa occasional* ou *instrumental*, modo, *instrumento*, *preço*, *materia* ou *excesso*» (Andrade Junior 1850: 165); tal segmento é, verdadeira ou virtualmente, ligado ao seu antecedente através de uma forma devida de *preposição*; (Andrade Junior 1850: 165)

b) considera o gramático que tal ‘complemento’ pode vir, quando é «*idea emphatica*», «no rosto da phrase em estado absoluto», sendo referido, «em estado de regencia», junto ao antecedente – a «*palavra que elle determina*» –, através do *pronomo* de ‘terceira pessoa’ [e já não do de ‘primeira’ ou ‘segunda’] ou através do demonstrativo *isso*, precedido de uma forma adequada de *preposição*, considerando, uma vez mais, por influência de Fr. Francisco de São Luiz (Cardeal Saraiva) tratar-se de hebraísmo adaptável à índole da língua portuguesa. (Andrade Junior 1850: 165, [165-166] e n(a) [165-166])

3.1.2. Quanto à *sintaxe figurada*, Andrade Junior faz referência quer à ellipse, no quadro da qual trata do zeugma, da silepse e da síntese, quer ao pleonasma, quer ao grecismo, quer, ainda, à enálage, figuras que diz «confirmadas [...] pela auctoridade dos clássicos». (Andrade Junior 1850: 166)

Diverge o autor português de Du Marsais, que enquadra ora a ellipse e, no âmbito desta, a zeugma, ora o pleonasma, ora a silepse, que identifica com a síntese, ora o hipérbato, ora o helenismo (por exemplo), ora a atração, no seio da (i) ‘construção figurada’, que distingue da (i) ‘construção necessária, significativa, ou enunciativa’, por ser aquela mediante a qual ‘as palavras formam um sentido’, sendo, também, denominada, pelo gramático-filósofo, de ‘construção simples e natural’, em virtude de ser ‘a mais conforme ao estado das

coisas e, por isso, o meio mais próprio e mais fácil de conhecermos os nossos pensamentos através da fala', bem como da (iii) 'construção usual', enquanto 'arranjo das palavras em uso nos livros, na escrita e na conversação das pessoas honestas que integram a comunidade em que se fala uma dada língua'. (cf. Du Marsais 1987: 411, 423-437)

Não há dúvida de que Du Marsais entendia que se não podia confundir *construção* com *sintaxe*:

[...] Or, ce qui fait en chaque langue que les mots excitent le sens que l'on veut faire naître dans l'esprit de ceux qui savent la langue, c'est ce qu'on appelle *syntaxe*. La syntaxe est donc la partie de la Grammaire qui donne la connoissance des signes établis dans une langue pour exciter un sens dans l'esprit. Ces signes, quand on en sait la destination, font connoître les rapports successifs que les mots ont entr'eux; c'est pourquoi, lorsque celui qui parle ou qui écrit s'écarte de cet ordre par des transpositions que l'usage autorise, l'esprit de celui qui écoute ou qui lit rétablit cependant tout dans l'ordre, en vertu des signes dont nous parlons, et dont il connoit la destination par usage [...] (Du Marsais 1987: 411).

[...] La *construction* est donc l'arrangement des mots dans le discours. La construction est vicieuse quand les mots d'une langue ne sont pas arrangés selon l'usage d'une nation. [...] (Du Marsais 1987: 410).

4. Em conformidade com a definição de Andrade Junior, a *construção* ensina a significar as relações sintáticas através da posição das 'palavras' «em contexto». (Andrade Junior 1850: 130) Diz-se, portanto, da «disposição que damos ás palavras em contexto, segundo a indole de cada lingua, sem lhes alterar a syntaxe». (Andrade Junior 1850: 138)

4.1. Aduz o autor que a *construção* pode ou servir apenas à análise do pensamento, podendo, sob este ponto de vista, ser ora (i) «*directa*», ora (ii) «*inversa*» – exatamente à semelhança do que Soares Ferreira defendera e do que havia ecoado na obra de Solano Constancio<sup>13</sup> –, ou servir à expressão do interesse gradual das ideias em que o pensamento se decompõe. (Andrade Junior 1850: 138)

---

<sup>13</sup> Segundo Soares Ferreira, a *construção*, que designa às 'palavras' o lugar que devem ocupar na oração, no discurso, «conforme a sua Syntaxe» (Ferreira 1819: 113), pode ser «*directa*» ou «*inversa*». (Ferreira 1819: 128) Por seu turno, Solano Constancio afirma o seguinte: «[...] Os gramáticos chamão *ordem direita* ou *directa* da construção ou collocação das phrases da oração, á que se guarda quando ella principia pelo sujeito da

Andrade Junior afirma, porém, que essas duas ‘espécies de construção’ não são igualmente permitidas a todas as línguas. Com efeito, distinguindo, segundo a denominação de Gabriel Girard (1677-1748), *línguas transpositivas* – «as que por terem casos podem collocar as palavras que determinão antes das determinadas» – de *línguas análogas* – «aquellas [- entre as quais integra a língua portuguesa -] que por não terem casos collocam as palavras na ordem da analyse» –, assevera que, se àquelas corresponderá melhor a construção inversa, a estas corresponderá melhor a construção direta. (Andrade Junior 1850: 139)

Não deixa de assinalar, entretanto, que, em função do ‘caráter peculiar’ de cada língua transpositiva ou análoga, os seus falantes modificam a construção que corresponda a uma ou a outra – a inversa ou a direta –, originando o que designa por construção (iii) «*usual*» (Andrade Junior 1850: 139-140), também prevista por Du Marsais, conforme indicado *supra*.

Assevera, ademais, que, se «interrompemos a ligação das ideas, mettendo entre as palavras correlatas outras que lhes são extranhas», tal construção dir-se-á (iv) «*interrupta* ou *hyperbaton*», devendo, para que não resulte na «mistura e confusão de palavras a que se dá o nome de *synchese*», observar «duas regras», a saber, a não introdução entre duas ‘palavras’ correlatas, representativas de duas ideias correlatas, de outra ‘palavra’ ou de um ‘grupo de palavras’ representativas de outra ideia que com elas não tenha relação e, ainda que relação com elas tenha, a não profusa expressão de tal ideia entremetida, a fim de que não «afaste demasiado» as correlatas, tornando difícil «referir o complemento ao seu antecedente». (Andrade Junior 1850: 140-141)

Se a *construção* tiver por finalidade tão-só a análise do pensamento, por via da adoção da construção direta, observará a «regra geral» que dita a colocação, em primeiro lugar, da «denominação do sujeito com tudo o que o modifica» e a colocação,

---

sentença seguido dos seus modificantes, logo o verbo com os seus modificantes, depois o regime directo ou indirecto com os seus. Se mudamos esta ordem, fazemos uma *inversão*, ou construcção *indirecta*. Ambas estas construcções são naturaes, porque o espirito concebe as ideias de huma e outra maneira; e a collocação que em huma lingua se chama *ordem natural*, he em outra, reputada *ordem inversa* [...]» (Constancio 1831: 240-241).

em segundo lugar, do «attributo com tudo o que o determina», o que implicará que se disponham as ‘palavras’ em contexto, «segundo a ordem succesiva de suas relações», pelo que «as modificantes [serão colocadas] logo após as modificadas, referindo-se cada qual á que imediatamente a precede, e todas ao sujeito da proposição». (Andrade Junior 1850: 138)

Se a *construção* tiver por fim a expressão do interesse gradual das ideias em que o pensamento se decomponha, sem que deixem de permanecer incólumes as relações sintáticas, poderemos, seguindo ainda a ordem por que as ideias se liguem no nosso espírito (cf. Andrade Junior 1850: 138-139), adotar a construção inversa (cf. Andrade Junior 1850: 139). Esse tipo de construção, em conformidade com o pensamento do autor, prende-se com fatores que, atualmente, classificaríamos de pragmáticos, designadamente, as circunstâncias em que locutor e alocutário se encontrem e a conseqüente necessidade sentida, pelo falante, de conferir maior importância a ideias expressas em segmentos que figurariam, na nossa língua, de acordo com a construção direta, num outro ponto de uma dada ‘proposição’, mediante o honroso propósito de revelar, exatamente, o que se *quer dizer*.

5. Quanto ao *mecanismo do discurso*, ensina a designar as relações dos diferentes grupos de ‘palavras’, representativos de «varios grupos de ideas componentes de um discurso», «por meio das pausas», que configuram os sinais que os separam. (Andrade Junior 1850: 130, 141)

5.1. Um «discurso» é a enunciação de um pensamento numa ‘proposição’ ou numa série de ‘proposições’ (Andrade Junior 1850: 141).

5.1.1. Por sua vez, a ‘proposição’ é a enunciação de um juízo<sup>14</sup>. (Andrade Junior 1850: 141)

Ora, sendo a «proposição» «a enunciação de um juízo», que, por sua vez, constitui o ato mediante o qual a razão percebe que uma

---

<sup>14</sup> Para os senhores de Port-Royal, «[...] [l]e jugement que nous faisons des choses, come quand je dis, *la terre est ronde*, s’appelle PROPOSITION [...]» (Arnauld & Lancelot 1969: 23). Segundo Beauzée, «[...] une proposition est l’expression totale d’un jugement» (Beauzée 1767: Tome Second, 6). Para Condillac, «[...] proposition est l’expression d’un jugement» (Condillac 1947: *Cours d’études, II – Grammaire*, 452, col. 2).

ideia – o chamado ‘sujeito do juízo’ – compreende, ou integra, em si, uma outra ideia – o dito ‘atributo do juízo’ –, o ‘sujeito’ da ‘proposição’ corresponde à expressão do ‘sujeito do juízo’ enquanto o ‘atributo’ da ‘proposição’ corresponde à enunciação do ‘atributo do juízo’. (Andrade Junior 1850: 132-133)

Segundo Andrade Junior, a ‘palavra’ principal de qualquer ‘atributo’ de uma ‘proposição’ é o verbo, «que enuncia o atributo fundamental de todo o sujeito», a saber, «a ideia de existencia» tida por «causa de todos os mais attributos» (Andrade Junior 1850: 133). A influência de Du Marsais – provavelmente via Girault-Duvivier – parece evidente:

[...] *L'attribut contient essentiellement le verbe*, dit M. du Marfais, *parce que le verb est dit du sujet*. "Si l'attribut contient essentiellement le verbe; il s'enfuit, dit M. l'abbé Fromant, que le verbe n'est pas une simple liaison ou copule, comme la plus part des logiciens le prétendent; il s'enfuit qu'il n'y a point de mot qui soit réduit à ce seul usage. Ainfi quand on dit, *Dieu est tout-puissant*, ce n'est pas la toute-puissance seule que l'on reconnoît en Dieu, c'est l'existence avec la toute-puissance: le verbe est donc le signe de l'existence réelle ou imaginée du sujet de la Proposition auquel il lie cette existence & tout le reste" [...]. (Beauzée 1767: Tome Second, 8)

Girault-Duvivier, por seu turno, entendia, na esteira dos Senhores de Port-Royal, que o verbo ‘substantivo’ *ser* era o único que exprimia “afirmação” pura e simples (Girault-Duvivier 1812: 329) e considerava que não deveria ter outro uso senão o de sinalizar, numa ‘proposição’, a ligação entre o ‘sujeito’ e o ‘atributo propriamente dito’ (Girault-Duvivier 1812: 327):

[...] Le mot *Verbe* est le mot par excellence, le mot qui entre dans toute [*sic!*] les phrases, pour être le lien de nos pensées, et qui, seul, a la propriété non-seulement d'en manifester la manière et la forme, mais de marquer encore le rapport qu'elles ont au présent, au passé et au futur: sa fonction est d'exprimer des actions, des passions et des situations. Mot unique par l'étendue de ses propriétés; il vient se mêler à tous nos discours et former toutes nos propositions [...]. (Girault-Duvivier 1812: 325-326)

Para Girault-Duvivier (1830: 1159), o verbo *ser* poderia, todavia, servir para marcar a significação particular de marcar a noção de “existência”:

[...] *Que vous êtes heureux!* [...] *Êtes* est le verbe qui, outre la valeur ou signification particulière de marquer l'existence, fait connoître l'action de l'esprit qui attribue cette existence *heureuse* à *vous*: et c'est par cette propriété que ce mot est verbe. On affirme que *vous existez heureux*.

Também para Andrade Junior, não há 'proposição' sem verbo nem verbo sem 'sujeito' (Andrade Junior 1850: 153).

Girault-Duvivier observa que o que serve para exprimir o que se afirma do 'sujeito' denomina-se de *atributo*, acrescentando que «il est rendu par le verbe et une qualité» (Girault-Duvivier 1812: 327): «Cette qualité est quelquefois exprimée séparément du verbe; et le plus souvent, elle est jointe au verbe, et ne forme qu'une seul mot avec lui» (Girault-Duvivier 1812: 327). Acaba, todavia, por diferenciar *atributo* de *atributo propriamente dito* (cf. Girault-Duvivier 1812: 328).

A 'proposição' pode ser simples, se consta de um só 'sujeito' e de um só 'atributo', ou composta, se inclui vários 'sujeitos' ou/e vários 'atributos', revelando, neste ponto, o nosso autor sobretudo influência de Beauzée (cf. 1767: Tome Second, 19; cf. Girault-Duvivier 1830: 1090).

A 'proposição' pode, também, ser complexa, quando a ideia do 'sujeito' ou a ideia do 'atributo' é restringida ou ampliada por modificativos ou acessórios que fazem parte dela, ou incompleta, sempre que a ideia do 'sujeito' ou a ideia do 'atributo' não são ampliadas ou restringidas por acessórios ou modificativos (Andrade Junior 1850: 142). Também, sob este aspeto, o nosso autor se coloca, implicitamente, sob a égide do ideário beauzense (cf. Beauzée 1767: Tome Second, 22).

Os chamados 'acessórios' ou 'modificativos' são 'nomes adjetivos', 'comuns adjetivados', 'complementos determinativos' ou 'proposições incidentes' (Andrade Junior 1850: 142; cf., a propósito das chamadas 'proposições incidentes', Girault-Duvivier 1830: 1091-1092):

a) os 'acessórios' propriamente ditos analisam a 'palavra' a que se referem, podendo ser extraídos da 'frase' em que se encontrem sem lhe alterar o sentido (Andrade Junior 1850: 142);

b) os ditos 'modificativos' designam a ideia que circunscreve a significação do seu termo correlato, resultando em mudança de sentido a extração dos mesmos da 'frase' em que figurem (Andrade Junior 1850: 142).



Podemos, conseqüentemente, inferir que, face a uma ‘proposição composta’ ou a uma ‘proposição complexa’, podemos deparar-nos com uma ‘proposição principal’ – aquela a que outra ou outras se referem e da qual dependem para o completamento do sentido – e com uma ‘proposição não principal’ – aquela que tem necessidade de se referir a outra que a determine (Andrade Junior 1850: 143, cf. 142). Interessantemente, se Girault-Duvivier (1830: 1149-1150) se refere à existência da ‘proposição simples’, que identifica com o ‘período simples’, menciona a existência do ‘período composto’ de ‘proposições parciais’.

Uma ‘proposição não principal’ pode ser classificada, segundo Andrade Junior, como (i) ‘integrante’, se completar a significação de algum dos termos de outra, equivalendo a «um complemento relacianario d’ella», como (ii) ‘incidente’ explicativa ou restritiva, caso amplie ou restrinja a significação de um termo de outra ‘proposição’, interrompendo a ordem sucessiva desses termos, por se entremeter entre eles, enquanto ‘acessório’ ou ‘modificativo’, ou, finalmente, (iii) como ‘subordinada’, no caso de enunciar um sentido parcial que, não sendo complementar de qualquer um dos termos de outra, dependa de uma ‘proposição principal’ que lho determine (Andrade Junior 1850: 143). Girault-Duvivier (1830: 757) entendia por *proposição principal* «celle qui occupe le premier rang dans l’énonciation de la pensée» e por *proposição incidente ou subordinada* «celle qui est ajoutée à la *proposition principale* pour la déterminer ou pour la expliquer», parecendo abarcar, em função dos exemplos que vai fornecendo, as subdivisões de ‘proposição não principal’ apontadas por Andrade Junior.

5.1.2. Um ‘período’, que pode ser bimembre, trimembre ou período quadrado (Andrade Junior 1850: 144-145; cf. Girault-Duvivier 1830: 1150), congrega várias ‘proposições’ que se encontram todas subordinadas e dependentes de uma ‘proposição’ principal que lhes determine e complete a significação, parecendo afastar-se, no atinente a este aspeto, de Beauzée<sup>15</sup> (cf. 1767: Tome Second, 41). Compõe-se de duas partes, ou dois ‘membros’: uma prótase, de que faz parte

---

<sup>15</sup> «[...] Une *période* est donc l’expression d’un sens complet & fini, au moyen de plusieurs Propositions qui ne font point parties intégrantes les unes des autres, mais qui sont tellement liées ensemble que les unes supposent nécessairement les autres pour la plénitude du sens total». (Beauzée 1767: Tome Second, 41)

integrante a 'proposição' principal sozinha ou com as suas anexas (os 'incisos' desse 'membro'), e uma apódose, que inclui a(s) proposição(ões) subordinada(s) sozinha(s) ou com as sua(s) anexas (os 'incisos' desse membro). Note-se que as 'proposições' anexas da 'proposição' principal ou da(s) 'proposição(ões)' subordinadas, sendo 'incisos' desses membros do dito 'período' parecem ser diferenciadas, pelo autor, das 'caudas', ou seja, das 'proposições' que significam um acessório de qualquer das partes do período, isto é, de qualquer um dos seus membros (Andrade Junior 1850: 143-144).

5.1.3. O 'pensamento periódico', por sua vez, congrega 'proposições' de sentido perfeito que concorrem para a expressão de um pensamento total. Essas 'proposições' não se encontram subordinadas ou dependentes de uma 'proposição' principal. A relação que as liga é (i) uma relação de gradação, (ii) de oposição (ou contraposição) ou (iii) de inclusão (Andrade Junior 1850: 145): existe (i) uma relação de gradação entre 'proposições' de sentido perfeito, quando o sentido delas vai sucessivamente crescendo ou diminuindo de força, ou quando exprimimos as coisas que elas significam na ordem que têm em nosso espírito (Andrade Junior 1850: 145, cf. 146); deparamo-nos com (ii) uma relação de oposição entre 'proposições' de sentido perfeito, quando os sentidos perfeitos das 'proposições' se opõem (Andrade Junior 1850: 145-146); e há (iii) uma relação de inclusão entre 'proposições' de sentido perfeito, sempre que o que é significado por uma ou mais 'proposições' está incluído no sentido de outra, que a(s) compreende. (Andrade Junior 1850: 146)

5.1.4. Por seu turno, o 'parágrafo' é, precisamente, constituído pelos vários 'períodos' ou 'pensamentos periódicos' que expressam um pensamento (Andrade Junior 1850: 146-147), compondo vários 'parágrafos' o 'capítulo' (Andrade Junior 1850: 147). Por sua vez, um pensamento cuja expressão seja desenvolvida em vários 'capítulos' dá origem a um 'livro', servindo a configuração de vários 'livros' para expor «*parte de um tratado*» e constituindo o 'tratado' o resultado do ajuntamento de várias partes que constituem «a expressão de um pensamento mui complexo». (Andrade Junior 1850: 147)

5.1.5. Andrade Junior descreve, posteriormente, as *pausas* como «certos repousos e modulações da voz com que designamos a natureza de um sentido e suas partes» e caracteriza os sinais pausais que separam esses diferentes «grupos de ideias» (Andrade Junior 1850: 147), distinguindo os pontemas que «dividem as partes de um sentido» – *vírgula, ponto e vírgula e dois pontos* – daqueles que «denotam a

natureza de um sentido» – *ponto final, ponto de interrogação, ponto de exclamação, suspensão, parêntesis e separação*, equivalente ao que, hoje, denominamos de *travessão* (cf. Andrade Junior 1850: 147-149).

6. Impõem-se-nos, provisoriamente – dado o nosso sério intuito de prosseguir a análise da obra de Andrade Junior –, algumas breves conclusões.

6.1. As fontes que Andrade Junior anuncia explicitamente e que lográmos detetar, independentemente das áreas da gramática que foca, são as seguintes: *Ensaio sobre alguns synonymos da lingua Portugueza* (vide nota 6, *supra*), «Memoria em que se pretende mostrar, que a lingua portugueza não he filha da latina, nem esta foi em tempo alguma lingua vulgar dos lusitanos», vinda a lume em 1837 (*in Memorias da Academiã Real das Sciencias de Lisboa*, Vol. 12, part. 1, pp. 1-43), e *Glossario de vocabulos portuguezes derivados das linguas orientaes e africanas, excepto a arabe* (Lisboa: Na Typografia da mesma Academia [Academia Real das Sciencias]), publicado em 1837, obras da autoria de Fr. Francisco de São Luiz (Cardeal Saraiva) (1766-1845); a introdução gramatical do *Novo Diccionario crítico e etymologico da lingua portuguesa* (Paris, Angelo Francisco Carneiro Junior Tipografia), publicado em 1836, por Francisco Solano Constancio; a *Orthographia da lingoa portugueza* (Lisboa: per loão de Barreira), de Duarte Nunes de Leão (1530-1608), obra publicada em 1576; uma obra não identificada de Jeronymo Soares Barboza, bem como a sua *Grammatica philosophica da lingua portugueza ou principios da grammatica geral applicados á nossa linguagem*; a *Grammatica grega*, de A. Matthiae, que seria, provavelmente uma tradução de *A copious Greek grammar*, em dois volumes, de Augustus Matthiæ (1769-1835), que fora traduzida do alemão para o inglês, por Edward Valentine Blomfield, M. A., sendo a 5.<sup>a</sup> edição, revista e ampliada por John Kenrick, M. A., de 1832 (London: John Murray, Albemarle-Street); *Grammaire des Grammaires*, supostamente de Charles-Pierre Girault-Duvivier; uma obra Moraes Silva cujo título não indica; *Recreação philosophica*, de Theodosio d'Almeida; e *Vestigios da lingua arabica em Portugal, ou lexicon etymologico de palavras e nomes portuguezes, que tem origem arabica. Composto por ordem da Academia Real das Sciencias de Lisboa* (Lisboa: na Ofic. Da Academia Real das Sciencias), publicado, em 1789, por Fr. João de Sousa (1735-

1812) [Andrade Junior 1850: 104 n(a), 151, 124 n(a), 165 n(a), 183 n(\*), 53, 85 (n\*), 267 \*, 186 n(\*), 216 (\*), 241 \*, 267 \*, 278 \*].

6.2. Integrando-se no movimento da gramática geral e aplicando os conhecimentos adquiridos à gramática portuguesa, parece preferir, do ponto de vista epistemológico, a variante racionalista ecleticamente endógena e exógena (de base empirista), representada por distintas linhas pensamentais complexas fundamentalmente representadas, numa ordem ascendente, por uma banda, por René Descartes, Agostinho de Hipona e Platão, e, por outra banda, por Condillac, John Locke e Aristóteles. Os princípios que subjazem às ideias linguísticas de Andrade Junior a que pudemos aceder parecem-nos, com efeito, tributários das traves mestras apologizadas sobretudo por César Chesneau Du Marsais, Nicolas Beauzée e Étienne Bonnot de Condillac.

6.3. A definição de *gramática* e a consideração de que a *interjeição*, enquanto ‘sinal da linguagem d’ação’, não integrava o ‘sistema das línguas analíticas’, que assevera ser aperfeiçoável, refletem a noção condillaciana de que as línguas constituem métodos analíticos que se aperfeiçoam lentamente (cf. Andrade Junior 1850: 21; cf. Condillac 1947: *Cours d’études, II – Grammaire*, 461, col.1, 499, col. 2).

6.4. Andrade Junior tende a considerar, de alguma forma à semelhança do pensamento linguístico manifesto por Dias de Souza, na esteira, aliás, de A. Court de Gébelin (1778: 482), que, no quadro do que chama de ‘proposição’, o ‘atributo’ é «sempre composto de hum Verbo e hum Adjetivo expresso[] ou incluído no Verbo» (Souza 1804: 172; Andrade Junior 1850: 15-16), tal como, aliás, Girault-Duvivier (cf. Girault-Duvivier 1812: 327), muito embora este distinga o *atributo* do *atributo propriamente dito*, que identifica com a qualidade que se atribua a um dado ‘sujeito’ por via do uso do verbo ‘substantivo’ *ser*. Essa já havia sido, afinal, a essência do pensamento linguístico de Dias de Souza, que havia afirmado, num ponto da sua obra anterior ao supraindicado, que a ‘proposição’ constava «de tres partes essenciaes correspondentes as que constituem hum Juizo ou Pensamento, a saber: de hum *Nome* e o seu artigo algumas vezes, que exprimem o Sujeito do qual se afirma ou nega alguma coisa; de hum Adjectivo que exprime a qualidade que se atribue ao Sujeito, e de hum *Verbo* que he o nexa que serve de unir e ligar o atributo ao Sujeito» (Souza 1804: 156). Tratava-se, afinal, de um prisma de análise revelador de uma vertente sintética e de uma vertente analítica, em

função da suma importância conferida ao verbo dito ‘substantivo’ e em consonância com o ecletismo que se havia acentuado, no último quartel do século XVIII, em França, e que caracterizará o pensamento linguístico manifesto, em Portugal, na centúria oitocentista. Com efeito, parece preferir, a esse respeito, a proposta de Gabriel Girard à proposta que entronca, por um lado, em Arnauld & Lancelot e, por outro lado, em Condillac<sup>16</sup>. Ora, Court de Gébelin seguia, precisamente, de perto a terminologia que Gabriel Girard havia adotado, no século XVIII, «pour nommer les parties de la fraze», a saber, ‘sujeito’, ‘atributo’, ‘objeto’, ‘termo’, ‘circunstância’, ‘conjunção’ e ‘adjunção’ (Girard, *apud* Court de Gébelin 1778: 48), e é, exatamente, Dias de Souza quem, em Portugal, divulga, pela primeira vez, tal terminologia (cf. Santos 2010: Parte II, 1046), que viria a ser recuperada, em França, pelo menos por Girault-Duvivier (cf. 1830: 1152).

6.5. Inovador, na obra de Andrade Junior, parece ser, à partida, no âmbito da gramaticografia portuguesa, o enquadramento no seio de uma espécie de macrossintaxe (i) da sintaxe propriamente dita (que Girault-Duvivier trata aquando da descrição das nove classes de palavras por si propostas para a língua francesa), que o autor português faz subjazer à sintaxe regular e à sintaxe figurada, (ii) da construção direta ou inversa (parecendo Girault-Duvivier considerar a construção direta como integrante da sintaxe propriamente dita) e (iii) do mecanismo do discurso, apresentando Andrade Junior neste âmbito a noção de ‘proposição’, como se o discurso fosse já encarado como a concretização diatípica oral ou escrita de elementos abstratos potencialmente utilizáveis, posteriormente selecionados em função do génio da língua e utilizados, por cada falante ou escrevente, de acordo com as suas necessidades comunicativas.

6.6. Parece-nos, ainda, digno de nota o facto de Andrade Junior entender que também o verbo *estar* significa “existência”, quando determinado por uma forma de *adjetivo atributivo* que exprima um atributo *accidental* do ‘sujeito’ da ‘proposição’ (cf. Andrade Junior 1850: 62). Parece aproximar-se de Jeronymo Soares Barboza que, no

---

<sup>16</sup> Enquanto Arnauld & Lancelot referem que «toute proposition enferme nécessairement deux termes» – «l’un appelé *sujet*, qui est ce dont on affirme», «l’autre appelé *attribut*, qui est ce qu’on affirme», «et de plus la liaison entre ces deux termes» – (Arnauld & Lancelot 1969: 23-24), para Condillac, uma *proposição* devia ser composta de «trois termes» (Condillac 1947: *Cours d’études, II – Grammaire*, 453, col. 2, 452, col. 2).

quadro da gramática postumamente publicada em 1822, se refere ao verbo *estar* ora como verbo auxiliar ora como ‘verbo substantivo’, designativo de “existência” (cf. Barboza 1862: 223, 148; 85; cf. Leite 1887: 49, n1). Tal facto é significativo, porque, já em 1831, Francisco Solano Constancio (cf. 1831: 71-72) havia procurado derrogar a noção de *verbo substantivo*, tal como viria a fazer, mais tarde, Augusto Epiphanyo da Silva Dias (1870: 22, n1).

Finalmente, outras conclusões surgirão, com propriedade e rigor, à medida que formos dando conta do aprofundamento do estudo da obra de Andrade Junior e, sobretudo, da obra de Girault-Duvivier.

### Bibliografia

- Andrade Junior (1850): Francisco Ferreira de Andrade Junior, *Grammatica das grammaticas da lingua portugueza ou principios e preceitos compilados dos mais acreditados autores que sobre este assumpto tem tratado até o presente, e explicados de modo a serem comprehendidos por pessoas de todas as intelligencias*, Lisboa, Na Typographia das Sciencias e Artes.
- Arnauld & Lancelot (1969): Antoine Arnauld & Claude Lancelot, *Grammaire générale et raisonnée, contenant les fondemens de l’art de parler, expliqués d’une manière claire et naturelle; les raisons de ce qui est commun a toutes les langues, et des principales différences qui s’y rencontrent, etc.*; avec les remarques de Ch. Duclos, nouvelle édition d’après l’édition de l’Imprimerie d’Auguste Delalain, Paris, Republications Paulet.
- Aulete (1874): Francisco Júlio Caldas Aulete, *Grammatica nacional*, 8.<sup>a</sup> ed., Lisboa, A. M. Pereira.
- Azevedo (1863): Francisco Antonio Rodrigues de Azevedo, *O Instituto: revista científica e literária*, Vol. XII, abril, n.º 1, pp. 17-19.
- Barbosa (2004): Jerónimo Soares Barbosa, *Gramática filosófica da língua portuguesa (1822)*, ed. fac-similada, comentário e notas de Amadeu Torres, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa.
- Barboza (1862[1822]), Jeronymo Soares Barboza– *Grammatica philosophica da lingua portugueza ou principios da grammatica geral applicados á nossa linguagem*, terceira edição, Lisboa, Typographia da Academia.
- Beauzée (1767): Nicolas Beauzée, *Grammaire générale, ou exposition raisonnée des éléments neceffaires du langage, pour fervir de*

- fondement à l'étude de toutes les langues*, tomes II, A Paris, De l'imprimerie de J. Barbou, rue & vis-à-vis la grille des Mathurins.
- Condillac (1947): Étienne Bonnot de Condillac, *Cours d'études pour l'instruction du Prince de Parme*, in *Œuvres philosophiques de Condillac*, texte établi et présenté par Georges le Roy, vol. 1, Paris, Presses Universitaires de France, pp. 395-776.
- Constancio (1831): Francisco Solano Constancio, *Grammatica analytica da lingua portugueza [...]*. Paris/R. de Janeiro: Aillaud/*et alii*.
- Court de Gébelin (1778): Antoine Court de Gébelin, *Monde primitif analysé et comparé avec le monde moderne, considéré dans l'histoire naturelle de la parole[,] ou grammaire univèrselle et comparative [,] avec des figures en taille-douce*, nouvelle édition, a Paris, chez l'Auteur, Boudet, Imprimeur-Libraire, Valleyre l'aîné, Imprimeur-Libraire, *et alii*.
- Couto e Melo (1818): João Crisóstomo do Couto e Melo, *Gramática filosófica da linguagem portugêza*, Lisboa, Na Impressão Régia.
- Désirat & Hordé (1982): Cl. Désirat & T. Hordé, "Introduction", *Histoire, Épistémologie, Langage*, t. 4, fasc. 1, *Les idéologues et les sciences du langage*, Presses Universitaires de Lille, pp. 5-20.
- Dias (1870): Augusto Epiphanyo da Silva Dias, *Grammatica practica da lingua portugueza para uso dos alumnos do primeiro anno do curso dos lyceus*, Porto, Typographia do 'Jornal do Porto' .
- Du Marsais (1987): César Chesneau Du Marsais, *Les véritables principes de la grammaire et autres textes (1729-1756)*, texte revu par Françoise Douay-Soublin, Tours, Centre National des Lettres/Librairie Arthème Fayard.
- Fávero (1996): Leonor Lopes Fávero, *As concepções linguísticas no século XVIII: a gramática portuguesa*, Campinas, Unicamp.
- Ferreira (1819): Francisco Soares Ferreira, *Elementos de grammatica portugueza, ordenados segundo a doutrina dos melhores grammaticos, para aplanar á mocidade o estudo da sua lingua*, Lisboa, Na Impressão Regia.
- Girault-Duvivier (1812): Charles-Pierre Girault-Duvivier, *Grammaire des grammaires, ou analyse raisonnée des meilleurs traités sur la langue française. A l'usage des Elèves de l'Institut des Maisons Impériales NAPOLÉON, établies à Ecoeuen et á Saint-Denis, pour l'Education des Filles de Membres de la Légion d'honneur*, Tome

- Premier, Paris, Porthmann, Imp. Ord<sup>re</sup>. Des. A. I. et R. Madame, et de S. A. I. M<sup>me</sup>. la Princesse Pauline.
- Girault-Duvivier (1830): Charles-Pierre Girault-Duvivier, *Grammaire des grammaires, ou analyse raisonnée des meilleurs traités sur la langue française; ouvrage mis par l'université au nombre des livres à donner en pris dans les collèges, et reconnu par l'Académie Française comme indispensable à ses travaux, et utile à la littérature en général*, septième édition, revue avec beaucoup de soin et encore améliorée, Tome Second, A Paris, Chez Janet et Cotelle, Libraires.
- Gonçalves (2003): Maria Filomena Gonçalves, "La terminología lingüística a finales del siglo XIX: los primeros diccionarios terminológicos en lengua portuguesa", in Alexandre Veiga (ed.), *Gramática e léxico em sincronia e diacronia. Um contributo da Linguística portuguesa*. Colección LUCUS LINGUA, Anexos de Moenia, Revista Lucense de Linguística & Literatura, Número 14, pp. 105-114.
- Leite (1882): Francisco José Monteiro Leite, *Nova grammatica portugueza para uso dos lyceus e das escolhas normaes conforme os programmas officiaes*, Porto, Clavel & C.<sup>a</sup> A. J. da Silva Teixeira.
- Leite (1887): Francisco José Monteiro Leite, *Grammatica portugueza dos lyceus, em que se contém toda a doutrina exigida pelo ultimo programma official, organizado pelo Conselho Superior d'Istrucção Publica*, Porto, Eduardo da Costa Santos.
- Mello (1863): Jeronymo José de Mello, *O Instituto: revista scientifica e literária*, Vol. XII, abril, n.<sup>o</sup> 1, p. 17.
- Midosi (1842): Luiz Francisco Midosi, *Compendio de grammatica portugueza para instrucção da mocidade e uso das escolas*. Lisboa: Na Imprensa Nacional.
- Moraes Silva (1806): Antonio de Moraes Silva, *Epitome de grammatica da lingua portugueza*, Lisboa, na Officina de Simão Thaddeo Ferreira.
- Oliveira (1862): Bento José de Oliveira, *Nova grammatica portugueza compilada de nossos melhores auctores*, Coimbra, Imprensa da Universidade.
- Oliveira (1864): Bento José de Oliveira, *Nova grammatica portugueza compilada dos nossos melhores auctores*, segunda edição melhorada, Coimbra, Livraria de J. Augusto Orcel.



- Ribeiro (1853): José Silvestre Ribeiro, *Primeiros traços d'uma resenha da litteratura portugueza*, Tomo I, Lisboa, Imprensa Nacional, pp. 293-299.
- Santos (2010): Maria Helena Pessoa Santos, *As ideias linguísticas portuguesas na centúria de Oitocentos*, Partes I e II, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- Silva (1859/1870): Innocencio Francisco da Silva, *Diccionario Bibliographico Portuguez. Estudos de Innocencio Francisco da Silva Applicaveis a Portugal e ao Brasil*, Tomo Segundo/Tomo Nono (Segundo do suplemento), Lisboa, Na Imprensa Nacional, pp. 334, 250.
- Souza (1804): Manoel Dias de Souza, *Grammatica portugueza ordenada segundo a doutrina dos mais celebres grammaticos conhecidos, assim nacionaes como estrangeiros*, Coimbra, na Imprensa da Universidade.